

COMUDA
Conselho Municipal de Políticas Públicas para a Droga e o Álcool
Reunião Extraordinária
5 de Maio, Galeria Olido – auditório

Presentes:

MEMBROS TITULARES: CRISTINA MARIA VISCOME (SMADS); AIRTON JOSÉ MARAGON (SMC); CLÁUDIO SILVA LOUREIRO (PROJETO QUIXOTE); INES MINDLIN LAFER (REDE PENSE LIVRE); **MEMBROS SUPLENTE:** ANDRÉ SILVA CONTRUCCI (É DE LEI), MIRMILA MUSSE (SMS) **MEMBROS COM AUSÊNCIA JUSTIFICADA:** **DEMAIS PRESENTES:** MYRO ROLIM (CEDECA INTERLAGOS)

Pauta:

- Discussão sobre a visita do COMUDA à tenda do programa “De Braços Abertos”;
- Discussão sobre nota de questionamento a estratégia usada pelas forças de segurança durante a ação na região da Luz, no dia 29/04;
- Discussão sobre a assinatura da “Carta de luta Antimanicomial”

Informes:

A Sra. Cristina Viscome informou que fornece material para a ”Casa Amarela, instituição ligada a Igreja. Localizada ao lado da base da GCM, na região da Luz. Eles recebiam um grande número de mantimentos, porém neste ano estão passando por dificuldades. A Secretaria não quer apoiar a casa, alegando que eles não fazem parte da rede atendida, porém apesar de no dia que houve a ação no “De Braços Abertos” terem acontecido muitos encaminhamentos para Centros de Acolhida, ainda há muitos usuários em situação vulnerável e, com a queda da temperatura, é preciso pensar em uma alternativa, que emergencialmente, pode ser a “Casa Amarela”.

A Sra. Maria Angélica informou que no dia 13/05/2015 irá acontecer 6º encontro dos Conselhos Municipais de Drogas do Estado de São Paulo, a mesma foi convidada, porém devido a uma reunião com o CEDECA Interlagos não poderá comparecer. Entretanto achou interessante trazer as diretrizes apresentadas pelo Conselho Estadual de Drogas para que os Conselhos Municipais sigam, que vão ser encaminhadas por e-mail para os membros do COMUDA.

Discussão:

Sra. Maria Angélica: A reunião de hoje é para discutirmos duas questões; a visita do COMUDA ao “De Braços Abertos” e a assinatura ou não da carta da “Frente Estadual de Luta Antimanicomial de SP”.

Sr. Cláudio Loureiro: Podemos discutir a assinatura por e-mail?

Sra. Maria Angélica: nosso regimento não prevê a discussão por e-mail.

Sr. Myro Rolim: Se o regimento não prevê, ele também não nega a possibilidade de discussão por e-mail. Creio que os pontos apresentados na carta envolvem as questões que discutimos aqui no COMUDA sobre drogas e proibicionismo.

Sra. Inês Lafer: o que eu achei é que a carta envolve, além de temas como drogas e proibicionismo, muitas outras questões. Eu represento aqui a Rede Pense Livre, uma rede bastante heterogênea, e nós, como Rede Pense Livre, não temos posição para assinar a carta, pois ela envolve temas, como por exemplo, a SABESP e a Reforma Política. Acho que ela ultrapassa o mandato do COMUDA.

Sra. Maria Angélica: também pensei nisso, são muitos os temas levantados pela carta.

Sra. Inês Lafer: ultrapassa o tema das drogas.

Cláudio Loureiro: está tudo muito truculento. A questão da SABESP e da falta de água. Há uma onda de truculência e a assinatura da carta seria um contraponto a essa onda. O olhar do texto é meio onipresente e da conta de tudo. A questão da água, por exemplo, não há uma ligação com a comunidade, ela é tratada a parte. Por exemplo, nossa posição como COMUDA é contrária as Comunidades Terapêuticas e elas estão sendo adotadas como política de Estado.

Sra. Maria Angélica: mal conseguimos resolver a questão das redes, talvez não vamos chegar a um consenso sobre tudo na carta.

Sr. Cláudio Loureiro: mas seria mais uma questão de contraponto.

Sra. Maria Angélica: mas cada secretaria tem seus conselhos e talvez devêssemos levar isso para elas. Não produzimos nenhum texto sobre a política de drogas e deveríamos focar nisso.

Sr. Myro Rolim: uma coisa não anula a outra. A carta envolve questões que discutimos aqui.

Sra. Maria Angélica: mas deveríamos ter uma pauta mais concreta.

Sra. Inês Lafer: entendo o contraponto e a importância de ser diferente, mas quando dizemos não a tudo, a pauta específica acaba se perdendo e deixa de ser prioritária, como é o tema que tratamos aqui. E para a luta

Inês Lafer: entendo o contraponto e a importância de ser diferente, mas quando dizemos não a tudo, a pauta específica acaba se perdendo e deixar de ser prioritário, como é o tema que tratamos aqui. E pra luta antimanicomial o que está sendo pedido?

Sr. Myro Rolim: talvez seja exatamente isso. Cada grupo coloca algo que acha ser pertinente a suas lutas. Não vamos assinar, pois certas questões não cabem ao COMUDA, mas e as questões que cabem?

Sra. Inês Lafer: estou representando a Pense Livre e não estamos de acordo.

Sr. André Contrucci: pensei que era a carta do Lancetti. Sobre essa carta eu não li. Quando o COMUDA assina como COMUDA, estamos assinando também como nossas instituições? O COMUDA assinou então a Pense Livre também assinou? Queria entender isso.

Sr. Cláudio Loureiro: talvez fosse melhor ter uma carta nossa, com o nosso recorte.

Sra. Maria Angélica: acho que seria mais coerente.

Sr. André Contrucci: podemos pegar coisas da carta (Luta Antimanicomial) e afirmar na nossa carta.

Sr. Cláudio Loureiro: podemos suscitar um debate e um posicionamento nosso.

Sr. Airton Marangon: até onde a carta se refere ao proibicionismo está ok.

Sra. Maria Angélica: vamos ter que mandar para os outros conselheiros.

Sra. Inês Lafer: vamos ter que reescrever ou fazer uma nota.

Myres Cavalcanti: fizemos uma nota sobre a luta antimanicomial.

Sr. Cláudio Loureiro: podemos dar um olhar técnico do COMUDA e um posicionamento ético. Faz sentido.

Sra. Maria Angélica: as vezes falta isso ao COMUDA. Marcar território. Vamos organizar e levantar o que já temos no site e no computador e depois encaminhado para vocês.

Sr. Cláudio Loureiro: vou encaminhar uma sugestão para vocês.

Sra. Inês Lafer: o texto do Lancetti não era uma carta, era um artigo.

Sr. André Contrucci: entendi errado. Pensei que era relacionado ao COMUDA, que foi divulgado no email. Podíamos incluir nessa carta também uma nota de apoio a Marcha da Maconha, entendendo a marcha como um movimento que luta pela política de drogas e forma de expressão. Teríamos que tirar algumas pessoas para escrever essa carta. O É De Lei pode puxar .

Sra. Maria Angélica: quem mais?

Sr. Cláudio Loureiro: também posso ajudar com o Projeto Quixote.

Sra. Maria Angélica: posso fazer contribuições.

Sra. Mirmila Musse: a saúde também pode contribuir, mas não como Secretaria de Saúde, mas como COMUDA.

Sra. Maria Angélica: há limites para quem trabalha no governo.

Sr. André Contrucci: deve ser uma nota de apoio, nada muito longo.

Sra. Inês Lafer: mandem no e-mail aberto, para todos poderem contribuir. A carta deve ser divulgada no domingo.

Sra. Maria Angélica: a pauta que a Natalia não deve ter te passado corretamente, André, é que fizemos uma visita ao “De Braços Abertos”.

Sr. Myro Rolim: temos que ter posicionamentos para alguns fatos mais pontuais que aconteceram lá na ação. Questão de tiros e o tratamento dispensado aos trabalhadores e usuários. A GCM e a falta de dialogo entre eles e os trabalhadores, como a GCM pode agir dessa forma? Sem dialogo e agindo com truculência? A GCM obedecia a um comando único e não falava com mais ninguém. Seria essa a forma correta de agir? A PM também não estava aberta ao dialogo. Como essa ação foi elaborada dessa forma? Não dá para pensar essa ação sem o entendimento desses acontecimentos.

Sra. Maria Angélica: conversamos sobre isso. Como vamos explicar, se também fomos pegos de surpresa? Não tínhamos controle sobre isso.

Sr. Myro Rolim: temos que perguntar para os responsáveis como isso se deu. E se posicionar sobre essas questões. É necessária uma ação e aproximação do COMUDA com o que está acontecendo lá.

Sr. Andre Contrucci: não consegui ir à visita.

Sr. Airton Marangon: tem um grande contingente de policiais. Uma coisa, Myro era se a ação fosse articulada, mas foi uma ação autônoma da PM e isso não tem como explicar. A PM pode ter ações desse tipo. O posicionamento pode ser relacionado ao que foi acordado antes. O que sentimos é que foi uma reação para coibir o tráfico. Pra reduzir a quantidade de que entra lá. Também temos questionamentos sobre como essa droga entra e de onde ela vem.

Sr. Cláudio Loreiro: o que está retratado no texto do Lancetti é que os pequenos tráficos cooptam membros do “De Braços Abertos”.

Sr. André Contrucci: pensei que era pra referendar o texto do Lancetti e pensei calma. Mas no que essa ação, que segundo o Lancetti foi um sucesso, resultou? Qual a efetividade dessa ação? A polícia foi fez ação violenta, mas não prendeu ninguém.

Sra. Maria Angélica: o Suplicy estava lá e o baleado também. Ele parecia estar bem.

Sr. Myro Rolim: pelo que ele (baleado) relatou entraram dois policiais disfarçados e os usuários perceberam. Os policiais começaram a fotografar lideranças e, então, começaram a ser agredidos. O policial que efetuou o disparo encostou na parede do bar, caiu no chão e foi agredido com um pedaço de pau. Ele atirou pra cima, em legítima defesa é preciso admitir, porém não atirou para o chão como foi relatado pela Polícia. A questão que temos que fazer é o motivo pelo qual o policial estava ali.

Sra. Mirmila Musse: a única coisa que conseguimos pactuar era que não era para tirar fotos do fluxo. Ninguém. Nem pra bater foto nem pra fazer alguma prisão. Esse era o único pacto que conseguimos fazer, mas não está sendo cumprido. Como planejar isso com o Estado? Pois a intenção da ação era fazer a inserção no programa, inaugurar a praça. Não tinha que ter polícia ali e nem o Estado. Não era uma ação policial.

Sra. Maria Angélica: foi isso que o Secretário de segurança do Estado questionou.

Sr. Myro Rolim: nós encontramos com o Gordo (usuário baleado) e ele relatou que está sofrendo ameaças de policiais.

Sra. Cristina Viscome: tem muita gente nova no território.

Sra. Maria Angélica: as lideranças mudam toda semana. Que tipo de posicionamento o COMUDA teria em relação à visita?

Sr. André Contrucci: quem foi?

Sra. Maria Angélica: Airton, Antonio, Inês e Melina. Minha sugestão pro Gordo é encaminhar ele para o Balcão de Atendimento.

Sra. Cristina Viscome: dois Defensores Públicos estiveram no dia e já devem estar tratando do assunto.

Sra. Maria Angélica: o Padre Julio falou que ele saiu algemado de lá, o que não é verdade.

Sra. Cristina Viscome: eu não sentia risco lá, mas hoje com o aumento dos policiais eu sinto risco. Até os trabalhadores estão recebendo “duras”. Estamos sentindo uma pressão muito forte.

Sr. Cláudio Loreiro: não podemos conversar com a Secretaria do Estado.

Sr. Myro Rolim: vi policiais abordando homens e pedindo pra ver as tatuagens deles.

Sra. Cristina Viscome: estão pegando até cigarros deles.

Sr. Myro Rolim: pegaram o telefone de um usuário.

Sra. Cristina Viscome: estão pisando nos cachimbos.

Sra. Maria Angélica: isso vai totalmente contra nossa política de Redução de Danos. Nisso podemos nos posicionar.

Sr. Cláudio Loureiro: Por isso seria bom uma conversa com a SSP. O território fica muito mais tenso.

Sr. Myro Rolim: passei em uma das ocupações da região. Do Atila. Um homem relatou que os policiais estão “enquadrando” as pessoas todos os dias. Estão pegando todos, moradores inclusos. Uma coisa que está incomodando o fluxo é a abordagem de mulheres.

Sr. Cláudio Loreiro: isso esta compactuado com a prefeitura?

Sra. Maria Angélica: teve cobrança do Prefeito a policia. E agora eles estão muito presentes.

Sra. Mirmila Musse: temos que questionar como é feita a estratégia da PM para fazer a atuação ali, sem deixar o território violento. Mesmo para os nossos funcionários. Não é uma ação específica. Esta sendo constante.

Sr. Myro Rolim: quaisquer coisas já jogam bombas. Não há mais diálogo.

Sr. Airton Marangon: há uma questão. A cobrança do Prefeito é para que eles (policia) estejam lá?

Sra. Mirmila Musse: o território tem que ser da Saúde, da SMADS e dos Direitos Humanos. Não da policia.

Sra. Maria Angélica: diminuiu paliativamente a entrada da droga.

Sr. Andre Contrucci: a polícia está junto (com o tráfico). Não vamos ser inocentes. Como vamos questionar isso? Não dá pra questionar institucionalmente parte da policia no tráfico, mas podemos questionar a estratégia usada por ela.

Sra. Mirmila Musse: questionar qual é a estratégia.

Sr. Airton Marangon: dentro do que foi pactuado. Mesmo em questão do que foi pactuado, houve cobrança do prefeito, é o suficiente para desencadear as ações. A campanha (eleitoral) já começou e isso tende a piorar.

Sra. Cristina Viscome: podemos questionar isso. Temos que questionar algo, pois a ação da policia incita violência nos usuários.

Sra. Maria Angélica: os usuários estão surtando com a presença da polícia no território.

Sra. Cristina Viscome: O Recomeço nos procurou para fazer parceria, porém fecharam na segunda e na terça. Procuraram o Artur. Estamos tendo também um problema sério com o Conselho Tutelar! Temos que chamar o Conselho Tutelar para reuniões, pois eles dificilmente vão comparecer e aí podemos relatar a ausência deles. Os conselheiros do Centro são péssimos. E isso envolve o COMUDA, por causa dos meninos do Pátio do Colégio que fazem uso de solventes e Tiner.

Sr. André Contucci: temos que confeccionar essa carta urgentemente.

Sra. Mirmila Musse: estou fazendo um convite para vocês, para um evento sobre a Luta Antimanicomial. Acontecerá amanhã (13/05), das 18 às 22 horas. A autora do “Holocausto Brasileiro” vai estar presente, junto com a Sinara, que escreve para a Carta Capital, dois usuários e outros convidados. Acontecerá na Câmara dos Vereadores.

Sra. Maria Angélica: se vamos fazer a carta sobre o “De Braços Abertos” temos que fazer urgentemente.

Sr. Myro Rolim: e a questão do quórum? E a questão da GCM?

Sr. Cláudio Loreiro: a metodologia que deve ser questionada. O motivo pelo qual o policial infiltrado estava lá, atrapalhando a ação da Saúde e da SMADS.

Sra. Maria Angélica: realmente não há mais barracas no fluxo e não há mais “tijolos” de Crack. Não há mais o tráfico ostentação.

Sr. Myro Rolim: questão do clima. A galera está sofrendo com o frio.

Sra. Cristina Viscome: por isso falei sobre a casa amarela. O tempo frio está vindo e mesmo assim os usuários não saem de lá.

Sr. Myro: uma saída seria a ampliação do espaço da tenda, uma área de retaguarda. Se estivesse pronto para ação teria poupado a gente de uma série de problemas, mas a burocracia impede a gente.

Sr. Cláudio Loureiro: quais aspectos que impedem isso?

Sra. Mirmila Musse: o Ministério da Saúde fez uma parceria com a Prefeitura para financiar um “hotel de cuidados”, nome feio que acabou ficando para o centro de acolhida. É um convenio entre Ministério e Prefeitura e os gastos precisam ser especificados assim: 5 reais para a compra de lençóis, 100 reais para o Recursos Humanos e etc. Dinheiro casado. O primeiro problema é que o jurídico da Saúde não entende. A justificativa é que não dá para a casa, abrigo. Respondemos que é um leito de Redução de Danos. Isso conseguiu passar, não sei como. Outra questão é que não é

possível fazer um convênio em cima de outro convênio. Eu teria que fazer um processo para cada coisa: cobertores, funcionários e etc. Já temos 2 milhões para fazer a implementação, está no tesouro, no caixa da Prefeitura. A última proposta foi que esse dinheiro fosse para a Secretaria de Governo, pois lá é mais fácil de justificar burocraticamente.

Sr. Cláudio Loreiro: quem faria a prestação de contas?

Sr. Airton Maragon: tem que ser a Saúde.

Sra. Mirmila Musse: outra questão é mudar o convênio. Porém já foi empenhado o dinheiro.

Sra. Cristina Viscome: na SENAD é assim. Cada elemento de despesa tem que ser feita uma ata de justificção. Estamos conseguindo pactuar, é trabalhoso, mas é possível. Será que não dá pra renegociar?

Sr. Airton Maragon: Por que não pode fazer contratação.

Sra. Mirmila Musse: quando você contrata uma terceirizada ela pode fazer a questão, por exemplo, do RH, mas não pode comprar produtos de limpeza.

Sra. Cristina Viscome: eu consegui meio a meio. O que era muito fica com a gente e contrata por ata e edital. O que é pouco fica para a organização e isso está fluindo.

Sr. Airton Maragon: é pra construir algo lá com esse dinheiro?

Sra. Mirmila Musse: uma parte é para o RH e uma parte para materiais específicos. Seria como um campo de refugiados. Já passou pelo arquiteto. Há muitas coisas avançadas. Já escrevi 3 vezes a justificativa.

Sr. Myro Rolim: tem data limite pra esse dinheiro voltar?

Sra. Mirmila Musse: tem sim não sei a data.

Sr. Airton Maragon: normalmente é um ano. Agora tem que começar a liquidar.

Sr. Myro Rolim: pode colocar isso pra frente?

Sra. Mirmila Musse: acho que pode sim. Ele é inclusive anterior ao “De Braços Abertos”. Fomos barrados, pois Saúde não dá acolhimento.

Sr. Cláudio Loreiro: há uma cultura política. Falta política de ações multisetoriais.

Sra. Mirmila Musse: por isso mandamos para a Secretaria de Governo. Respondendo ao Myro, talvez lá conseguimos justificar como intersetorial.

Sr. Myro Rolim: está tendo um confronto na Luz. O fluxo se espalhou. É uma coisa que está virando rotina, com os policiais fechados para o diálogo.

Sra. Cristina Viscome: está muito sensível. Qualquer coisa que acontece lá gera confronto.

Sr. Myro Rolim: isso levanta a questão de como a GCM está atuando ali.

Sra. Cristina Viscome: de fato os confrontos diários são com a GCM. O fluxo está voltando.

Sra. Mirmila Musse: já está mais tranquilo, mas teve bomba e correria.

Sr. Myro Rolim: esquecemos da população local. Quando rola bomba entra gás na casa de todo mundo. Tem bastante criança ali. Era horário de saída da escola quando houve o último confronto.

Sra. Maria Angélica: vamos aos encaminhamentos? Como e pra quem vamos escrever essa carta?

Sr. André Contucci: tentar entender os comandos da GCM e o que se pretende com essas operações e o motivo pelo qual está tendo violência.

Sra. Maria Angélica: vamos endereçar ao Comitê Gestor.

Sr. Myro Rolim: quando eles se reúnem?

Sra. Mirmila Musse: depende. A última reunião foi há 15 dias. Agora quando tem problema o Comitê se reúne de 15 em 15 dias. Caso não haja é uma vez por mês.

Sra. Cristina Viscome: elas não acham que está em crise.

Sr. Myro Rolim: se for pra entregar pro Comitê vai demorar muito tempo.

Sra. Mirmila Musse: não vai demorar pra nos reunirmos. Imagino que em breve vai ter.

Sr. Airton Marangon: a reunião é com o Prefeito?

Sra. Mirmila Musse: algumas vezes.

Sr. Maria Angélica: sugestão é um ofício como comuda para a Secretaria Geral do Município e com copias para outras secretarias.

Sr. Myro Rolim: e o que questionaríamos? A metodologia da ação, qual a estratégia aplicada. Ressaltar que a atual ação causa tensão para usuários, moradores e trabalhadores.

Sr. André Contrucci: enfatizar a contradição entre a presença da PM e o aumento da violência.

Sra. Maria Angélica: questionar o proibicionismo. Eles não irão pra praça com a GCM lá.

Sr. Myro: está frio. Notasse isso e sem as barracas eles precisam se proteger do frio.

Sr. Airton Marangon: esse método provocativo não adianta. Tem que ir atrás dos grandes traficantes. Pequenas prisões não adiantam.

Sr. Cláudio Loreiro: por que o combinado não está sendo sustentado?

Sra. Maria Angélica: não está porque o Estado vai entrar pra mostrar na campanha. Questão político eleitoreira.

Sra. Myres Cavancanti: não devemos questionar a PM, mas a estratégia da PM.

Sra. Maria Angélica: e pra quem vamos mandar isso? Estado ou SGM?

Sr. Cláudio Loreiro: acho que pros dois. Por que esta estratégia está sendo implementada? Sendo que estava combinado que ali no território tem pontos que são neutros.

Sra. Mirmila Musse: todo mundo lembra que a prefeitura iria dar as imagens da GCM pro Estado. Podemos fazer o seguinte, se a PM tem essas imagens por que estão agindo com violência com os usuários vulneráveis do fluxo? Por que não vão diretamente aos grandes traficantes?

Sr. Myro Rolim: abordagens da PM acontecem no território da Luz, Rio Branco, Princesa Isabel. Em toda a área.

Sr. André Contucci: eu tenho curiosidade de como a GCM propõem a ação. Quais são as orientações do comando da GCM. Se eles estão jogando bomba e usando violência isso vem de alguma orientação.

Sra. Maria Angélica: a justificativa deles é legítima defesa. Estabelecemos que a carta então vai ser para a SGM e para a Secretaria Estadual de Segurança.

Sr. Myro Rolim? Como vamos questionar a PM? Qual a articulação entre PM e GCM e Prefeitura?

Sra. Mirmila Musse: podemos procurar todas as articulações e pactuações (mídia e documentos) ou então fazemos um texto “sabemos do importante papel da PM...entretanto a forma como esta sendo feito no território coloca em risco...gostaríamos de saber mais especificamente a estratégia...” fazer uma leve provocação, citar o fechamento do recomeço questionar as abordagens a trabalhadores. Sabemos que houve parceria com as imagens e se eles têm as imagens por que abordam as pessoas erradas?

Sr. André Contucci: não acho que temos que ir nessa linha de saber do trabalho deles. Questão do tráfico é diferente do usuário.

Sra. Mirmila Musse: para conseguirmos manter o dialogo. Questionar o critério da abordagem. Tenho medo de eles chamarem a gente de um monte de rebelde e militante. Questionar a articulação entre prefeitura e Estado na relação do método de segurança.

Sra. Mirmila Musse: cada coordenadoria vai responder por si.

Sra. Maria Angélica: quem vai escrever a carta? Depois tem que me mandar para eu fazer o ofício.

Sra. Mirmila Musse: não precisa colocar “importante trabalho..” coloca assim “sabemos que a PM tem função de combate ao trafico. Qual a estratégia usada?”

Sr. Myro Rolim: questionar o recomeço. Por que eles fecharam?

Sra. Mirmila Musse: quando mandam esses ofícios eles têm mais importância quando estão juntos com relatórios. Pode usar a visita do “De Braços Abertos” e fazer “conforme constatamos na visita.”

Encaminhamentos:

- Divulgar carta da luta antimanicomial dia 18/05
- Escrever e divulgar nota de apoio à Marcha da maconha
- solicitar ajuda dos conselheiros para redigir ofício para SGM sobre De Braços Abertos